

Deus, Império e as razões do trabalho

Genira Chagas Correia*

Resumo

Este texto elabora um paralelo entre o estilo de vida e as distintas razões que movem a força de trabalho do protestante da Igreja Reformada, de acordo com o estudo de Max Weber, e do cidadão contemporâneo, segundo os autores da obra *Império*, Hardt e Negri. Enquanto o primeiro acumula riquezas em nome de Deus, o segundo o faz pelo poder. Nos dois casos, a linguagem é o instrumento comum que articula as ações de produção de bens.

Abstract

This essay establishes a parallel between life style and different reasons that motivate Protestant labor work of the Reformed Church according to Max Weber studies and to the contemporary citizen concerning Hardt and Negri, authors of *Empire*. While the first accumulates wealth in the name of God, the second do the same for power's sake. In both cases, language is the instrument that articulates wealth production actions.

Razões do trabalho

Em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Max Weber identifica semelhanças entre o *ethos* protestante, ou seja, os costumes, o modo de vida e a vocação para o trabalho profissional dos seguidores de Lutero (1483-1546) e a produção de riquezas, ideal do capitalismo. Pela doutrina luterana, a vocação deveria ser entendida como uma ordem divina a ser obedecida; e o trabalho, a forma de realizá-la em nome da glorificação de Deus e da salvação da alma.

Cinco séculos depois, o trabalho ganha outra dimensão. A atividade profissional passa a ser estimulada em nome de um modo de vida, desta vez para o fortalecimento do Império. O modo de vida dos yuppies — jovens profissionais em busca de prestígio, poder e dinheiro que emergia para o trabalho nos anos 1980 — pode ser uma referência do espírito capitalista do novo tempo. Eles eram identificados como

* A autora é jornalista e doutoranda em Política no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP.

workaholic (expressão originada da palavra *alcoholic*, alcoólatra em inglês), pois acreditavam ser o trabalho a aspiração máxima de suas vidas. Michael Hardt e Antonio Negri, autores da obra *Império*, o conceitua (2001: 11) como o novo poder supremo que governa o mundo. Tal poder se manifesta por meio de “uma série de organismos nacionais e supranacionais unidos por uma regra única”.

Comportamentos sociais

Na produção de riqueza e na acumulação de capital, o trabalho em nome de Deus ou do Império faz manifestar comportamentos sociais que revelam a história cotidiana de uma época. No passado, uma dessas revelações foi o comportamento contido do seguidor da Igreja Reformada, originado da dúvida de ser ou não um predestinado à vida eterna ou, em outras palavras, ao reino de Deus. Além do mais, a incerteza de ser realmente um eleito, tornava o crente uma pessoa angustiada, contra cujo mal os fundamentos religiosos recomendavam dedicação integral ao trabalho. Mas como não havia medida de esforço para agradar a alguém que não se manifesta nunca — Deus —, essa força subjetiva, motor do trabalho, contribuía ainda mais para aumentar o desconforto do cristão diante da vida.

Segundo Weber (1967: 77) “(...) a fim de alcançar aquela autoconfiança, uma intensa atividade profissional era recomendada, como o meio mais adequado. Ela, e apenas ela, afugenta as dúvidas religiosas e dá a certeza da graça.” Para o autor, enquanto o católico podia contar com os sacramentos e pequenos atos de bondade como crédito para sua salvação, aliviando assim pequenos deslizes, o seguidor da Igreja Reformada era forçado “a, sozinho, seguir seu caminho ao encontro de um destino que lhe fora designado na eternidade.” Esse detalhe da rotina contribuía, ainda, para um profundo sentimento de solidão e melancolia.

No contexto da Reforma, Weber afirma que “o trabalho é a própria expressão da vida”. Como o ócio, a perda de tempo e o gasto de dinheiro com coisas que não fossem para Deus não eram permitidos, a

única saída era a dedicação incansável ao trabalho como vocação. Diante disso, quanto maior a posição social do indivíduo, maior era o sinal de sua dedicação à glória divina.

Os mandamentos religiosos da Reforma não liberavam desperdício de horas com a convivência social, conversas ociosas, luxo e mesmo com o sono além do necessário para a saúde. Para o descanso vital, Deus havia designado apenas o dia de domingo. Tais condutas influenciaram a vida cotidiana do protestante, redundando em crescimento dos bens materiais e no seu reconhecimento enquanto homem de bem.

O paradoxo desta concepção de vida está no próprio método da ascese. Enquanto trabalhava, o cristão contribuía para a produção de riqueza, em si a representação da tentação. No entanto, uma vez a riqueza sendo entendida como um sinal de benção divina, ela também poderia ser interpretada como o primeiro passo para a salvação.

Assim como entre os protestantes, também no Império é a subjetividade que move o trabalho. Neste caso, a promessa é a possibilidade de ser um vencedor, pois o mercado de trabalho, ao menos em teoria, é para todos. O sentido de vencedor está na descoberta constante de formas de ganhar dinheiro. Vale lembrar que, no Império, o dinheiro é representação máxima, sendo o trabalho o meio de obtê-lo. Para os protestantes, o trabalho em si era a finalidade, a riqueza veio como consequência.

Neste novo tempo a produção de riqueza desloca-se da terra e de outras fontes materiais para uma produção baseada em trabalhos imateriais. Hardt e Negri (2001: 311) definem tal trabalho como aquele que resulta em serviços, produto cultural, conhecimento ou comunicação. Em tal panorama, as tecnologias computacionais são as ferramentas primordiais.

Colaborar com a produção de riqueza no Império, assim como para a glória de Deus, é igualmente angustiante. O labor informacional, novo paradigma para o trabalho, baseia-se em redes de cooperação humana, que podem ser virtuais ou não. Mas essa teia é composta de

peças solitárias, isoladas, meras operadoras de máquinas, que separam o humano do produto. Cada um em seu lugar produz uma parte de uma engrenagem. E a tendência é de uma cooperação infinita, pois a remuneração se dá pelo tempo trabalhado.

Por outro lado, o trabalho imaterial também tem como matéria prima a manipulação do que Hardt e Negri chamam de afeto. Os autores citam, como exemplo, os serviços de saúde e a indústria de entretenimento, fundamentada na satisfação dos sentidos. No último caso o produto, ou seja, o conteúdo cultural, é de natureza abstrata, mas produz sensações de conforto e de bem-estar. Para a sua elaboração, tal como para agradar a Deus, não há parâmetros. Seus criadores se baseiam na subjetividade e mergulham na angústia da criação solitária para a satisfação de multidões. O trabalho imaterial é feito em qualquer hora, de qualquer lugar, e nem sempre em condições adequadas.

O ócio não é proibido, mas na maneira de produção do Império não há espaço para o descanso. A qualquer hora é possível ir ao supermercado, ao médico, ao esteticista, à academia de ginástica, tomar um ônibus, chamar um táxi, fazer faxina. Embora sejam consideradas fontes de estresse, todas essas mudanças são aceitas em nome de um estilo de vida. No Império, o que parece ser entretenimento é trabalho. O executivo vai a reuniões sociais para estabelecer sua rede de contatos, na qual inclui também o garçom.

Tal rede de relacionamento é construída pela união de pessoas com projetos pessoais com o único objetivo de ganhar dinheiro, o símbolo máximo do novo tempo. Os seres ali conectados não se envolvem emocionalmente, embora se unam em nome de serviços que se baseiam na manipulação de emoções.

Instrumento mobilizador

Alicerces em torno do qual se move uma sociedade, o trabalho tem razões distintas para o protestante da Igreja Reformada e para o cidadão do Império, os pós-modernos. Entre os primeiros, a produção

de riquezas ocorria com base em bens materiais, mas para a glorificação de um Deus subjetivo. Já para o segundo, a subjetividade muda de lugar. Ela é deslocada para a maneira de produção e seus produtos. No Império, é o objetivo do trabalho que é material, pois tudo se move em torno do dinheiro. Enquanto um trabalha para Deus, o outro o faz pelo poder.

Tanto entre os protestantes como entre os pós-modernos a linguagem é o instrumento comum que mobiliza as ações de produção de bens. Sendo Deus um signo sequioso de riquezas, a sua acumulação significava uma sinalização positiva vinda dos céus. Assim, a Igreja tratou de criar um mecanismo lingüístico para isentar o crente da culpa de possuí-las e continuar a produzi-las. Era necessário desvincular a riqueza do pecado, acusação imposta apenas àquele que a consumisse.

Sobre esse assunto Weber (1967: 122) lembra: “Esse ascetismo secular do protestantismo opunha-se, assim, poderosamente, ao espontâneo usufruir das riquezas, e restringia o consumo, especialmente o consumo de luxo. Em compensação, libertava psicologicamente a aquisição de bens das inibições da ética tradicional, rompendo os grilhões da ânsia de lucro, com o que não apenas a legalizou, como também a considerou como diretamente desejada por Deus. A luta contra as tentações da carne e a dependência dos bens materiais era não uma campanha contra o enriquecimento, mas contra o uso irracional da riqueza”.

No Império, o estímulo para a produção de riquezas foi a conversão do trabalho a estilo de vida, cujo resultado pode ser avaliado pela capacidade de consumo. Uma propaganda maciça cria desejos e necessidades baseados, sobretudo, na oferta de serviços. Pecado aqui é não poder consumir a excessiva oferta de produtos.

Hardt e Negri (2001: 378) argumentam que: “No Império, a construção do valor tem lugar *além da medida*. O contraste entre os excessos incomensuráveis da globalização imperial e a atividade produtiva que está *além da medida* precisa ser interpretado do ponto de vista da atividade subjetiva que cria e recria o mundo em sua

totalidade.” Para os autores, “*além da medida* se refere à vitalidade do contexto produtivo, à expressão do trabalho como desejo, e à sua capacidade de construir o tecido biopolítico do Império de baixo para cima”.

Bibliografia

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Editora Pioneira, 1967.

HARDT, M. e NEGRI, A. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.